

# O Milagre Alemão

Raul Pilla

A FRANÇA, vencedora na última conflagração, vai receber da Alemanha, vencida, isto é, da República Federal Alemã, um empréstimo para debelar a crise dos meios de pagamento, em que se debate. A rapidez da restauração alemã, acompanhada a alguma distância, pela da restauração italiana, é uma coisa maravilhosa, principalmente, quando comparada com as dificuldades em que, ainda hoje, se encontram a Inglaterra e a França.

Um grande jornalista francês, Raymond Cartier, profundo conhecedor do país germânico, resolveu investigar, para a conhecida revista «Paris Match», o chamado milagre da restauração da Alemanha e concluiu que não há nenhum milagre, senão a ação esclarecida e corajosa de verdadeiros estadistas: não tanto o presidente Adenauer, algo incerto e hesitante no caso, como o seu ministro, doutor Ludwig Erhard, professor de economia.

A política econômica, em tempo de guerra, é necessariamente diversa da do tempo de paz, e requer a forte intervenção do Estado.

Mas, a tendência geral é mantê-la, mais ou menos atenuada, depois de finda a guerra, que a justificava. O chamado milagre alemão consistiu simplesmente em abandonar imediatamente a intervenção do Estado na economia, substituindo-a pela liberdade, apenas vigiada pelo governo.

Sob todos os aspectos pavorosa era a situação da Alemanha. Afirmavam os técnicos ser impossível a restauração. No verão de 1947 era tal a fome, que uma colheita prematura devastou os campos, como se néles tivessem descido densas nuvens de gafanhotos. Em certas regiões da Alemanha ocidental, as rações alimentares caíram a 700 e 800 calorias, isto é, a metade das rações asiáticas nos países em que a fome é endêmica. Dez milhões de refugiados chegavam em longas colunas, muitas vezes a pé e descalços, para agravar a miséria dos habitantes da região. O professor Ludwig Erhard, pôsto a princípio na direção da economia da Baviera, foi rapidamente promovido à direção econômica da chamada bi-zona (fusão das zonas de ocupação inglesa e americana) e, por fim, de toda a Alemanha ocidental.

Então, começou a operar-se o milagre. «A nova Alemanha — diz Cartier — nasceu no dia da sua reforma monetária, a 20 de junho de 1948. Verificou-se, de novo, o valôr terapêutico, o caráter de moralidade social de uma moeda sã e dura. A 20 de junho, todos os alemães foram iguais, tiveram no bolso 40 marcos da nova moeda, deram adeus, de bom ou de mau grado, à quase totalidade da riqueza fictícia que haviam acumulado em cédulas avariadas ou contas bancárias ilusórias. Foi o momento escolhido por Erhard para dar um grande golpe. Anunciou a supressão de todos os racionamentos, exceptuado o de algumas mercadorias alimentares

A audácia parecia sem limites. A produção industrial da Alemanha ocidental correspondia a menos da metade da quantidade de antes da guerra e devia satisfazer as necessidades de uma população acrescida, ao mesmo tempo que as da reconstrução, que eram imensas. A prática da doutrina liberal — objetavam — exige pelo menos a abundância. Os preços subiram rapidamente, mas Erhard resistia a todas as pressões, inclusive à dos altos comissários aliados. Sobem — dizia êle — mas depois de 1º de janeiro hão-de começar a descer.

Foi realmente o que se verificou. A espantosa restauração da Alemanha, realizou-se graças à liberdade, como também pela liberdade se realizou a admirável reconstrução da Itália.

Nesta reportagem de Raymond Cartier têm os nossos homens públicos matéria para meditação. O Brasil não foi devastado pela guerra, da guerra só poderia ter tirado vantagem; entretanto, acha-se reduzido à situação que sabemos, por haver adotado e mantido um regime de guerra.